

# CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

## EDITORIAL

### A SALA DE AULA COMO LABORATÓRIO: EXPERIÊNCIAS NO ENSINO DE LITERATURA

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Claudia Consuelo Amigo Pino<sup>1</sup>  
Prof. Dr. Marcos Piason Natali<sup>2</sup>

Um professor reconhecido por sua militância política entra em sala de aula no meio de uma ocupação de estudantes para ministrar uma disciplina sobre Shakespeare. Ao ler os diários de leitura de seus alunos, uma professora descobre desenhos dela mesma. Em vez de analisar uma obra literária, alunos e professora decidem dedicar um semestre a produzir uma antologia de poesia que será publicada no final do semestre. Uma aluna pergunta, no final da aula, quem o professor acha melhor, Beyoncé ou Taylor Swift.

O encontro de literatura e sala de aula é muitas vezes produtor de incertezas. Ao estudar obras, projetos literários e críticos disruptivos, professores e alunos reavaliam o formato vertical (em que o professor fala e alunos, de forma geral, escutam), e a ideia da transmissão de um “conhecimento”, que deverá ser avaliada. Nos últimos anos, essa produção de incertezas se expandiu, ao se enfrentar com novas tecnologias de leitura e escrita, alterações dos corpos

---

<sup>1</sup> É professora titular de literatura francesa na Universidade de São Paulo. No momento, desenvolve um projeto sobre os arquivos e textos inéditos de Leyla Perrone-Moisés. Durante os últimos anos, tem trabalhado com arquivos literários, crítica genética e especificamente, com arquivos da crítica literária. Orienta trabalhos sobre o processo de criação da crítica e literatura do século XX e contemporânea, especialmente de obras que transitem no limiar entre literatura e crítica. É membro da equipe editorial das revistas Criação Crítica e Manuscrita. E-mail: hadazul@usp.br.

<sup>2</sup> Possui Mestrado e Doutorado em Literatura Comparada pela Universidade de Chicago e atualmente é professor titular de Teoria Literária e Literatura Comparada na USP. Foi professor visitante na UNAM e na UAM (México) e é pesquisador do CNPq, com projeto em andamento sobre gêneros menores. Atualmente estuda literatura latino-americana contemporânea, desconstrução, teoria pós-colonial, teorias críticas da raça e a relação entre literatura e ética. E-mail: mpnatali@usp.br.

# CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

discente e docente e o questionamento do cânone crítico e literário, tradicionalmente branco e masculino.

No contexto de uma reflexão sobre o suposto caráter artesanal do ensino de literatura, este número propõe abordar semelhanças e diferenças entre a pedagogia, a ficção e práticas performáticas, bem como dissonâncias entre a linguagem literária e convenções de argumentação de outros campos, que concedem pesos diferentes para a clareza, a síntese, a linearidade, a conclusão e a definição clara de um objetivo e um objeto.

Os seis primeiros artigos abordam a presença da sala de aula na literatura e na crítica, tanto em teorizações quanto em performances literárias, para, num segundo momento, analisar como essas representações literárias e críticas reverberam em atitudes adotadas em sala de aula. O interesse, portanto, é por dois movimentos: a aparição da cena do ensino na literatura, e a inserção da literatura na sala de aula.

O dossiê se abre com “A ira do plano de ensino”, artigo de Susana Scramin sobre o primeiro curso de pós-graduação ministrado por Antonio Candido no programa de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP, em 1968, no prédio da Maria Antonia, na época ocupado pelos alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Scramin analisa como Antonio Candido estrutura sua leitura da barbárie através da análise da peça *Rei Ricardo II* de Shakespeare, em leitura cujo eixo orientador é a pergunta sobre a natureza e a legitimidade do poder. O artigo procura associar a alegoria da ira no curso de Candido ao processo de construção da leitura da obra literária em sala de aula.

Em seguida, em “O corpo em sala/o corpo em cena”, Paloma Vidal examina o uso da palavra *paisible* (“calmo”, “pacífico”) em dois textos sobre a aula escritos por Roland Barthes, para depois descrever momentos em que, com a entrada do corpo em cena na sala de aula, a calma é perturbada. Além de um inventário de exemplos artísticos que incluem a peça *Conselho de classe*, de Jô Bilac, o filme *Entre les murs*, de Laurent Candet, e o conto “A carta à Fundação”, de Lydia Davis, o artigo incorpora à reflexão a experiência da autora como professora na Universidade Federal de São Paulo.

# CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

O artigo “A professora e a leitora: as mulheres como indutoras da escrita”, de Gisela Bergonzoni, recupera referências feitas por Ricardo Piglia em seus *Diários de Emilio Renzi* a mulheres que foram decisivas para o início de sua atuação como escritor. O texto examina como, quando Bergonzoni decidiu examinar em sala de aula diferentes modalidades da escrita do eu, em Piglia, Kafka e Coetzee, as figuras femininas associadas à escrita por esses autores começaram a adquirir a forma de um estranho espelho. A autora termina com uma reflexão sobre a figuração da mulher-professora e da mulher-leitora em sala de aula, relatando a experiência de um curso de graduação em que alunos e alunas escreveram um diário como trabalho final.

Em “Literatura e devir na sala de aula: ‘Epiphany of knowing’ em *Stoner* (1965), de John Williams”, Letícia Costa Feiteira estuda a transformação da personagem de um estudante a partir de seu contato inquietante com a disciplina de literatura, no romance de Williams. O artigo se concentra na textura desses momentos de transformação retratados no romance, como o que ocorre com a leitura em sala de aula do soneto 73 de Shakespeare, encontro que leva a uma percepção da realidade diferente daquela em que predomina o utilitarismo alienante.

No artigo “Fragmentos de um método: Experiências a partir da didática de Roland Barthes”, Claudia Amigo Pino identifica e analisa alguns elementos do método didático de Roland Barthes presentes em seus seminários na *École de Hautes Études em Sciences Sociales*. Além da atenção aos textos de Barthes explicitamente sobre didática, o artigo comenta suas bases teóricas (principalmente Benveniste, Nietzsche e Bataille), para em seguida relatar duas experiências de aplicação do método barthesiano no curso de Letras da Universidade de São Paulo.

“Aula de ficção”, de Marcos Natali, reúne cenas comuns à sala de aula universitária, sugerindo que elas podem servir como um arquivo para o estudo do ensino e do teatro da sala de aula, incluindo seus personagens, sua materialidade, seus objetos de cena, sua economia libidinal e seus gêneros discursivos. Numa espécie de experimento ficcional, o artigo constrói breves esquetes literários, procurando estimular uma forma de ler o espaço da aula através de exercícios especulativos e práticas hermenêuticas normalmente associados à fábula e à parábola.

# CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

Na segunda parte do dossiê, o foco é em alguns desafios contemporâneos em processos de ensino e aprendizagem, frente a gestos de insurgência, a escassez de tempo e atenção em sala de aula, a relação com o trabalho, o desafio da curadoria da leitura, a emergência da inteligência artificial, mudanças no corpo estudantil e modificações no cânone da crítica e da literatura, além do ensino de línguas estrangeiras no contexto contemporâneo.

Tiago Guilherme Pinheiro pergunta, em “Pensar pelas costas: notas sobre oficinas e outras atividades da greve estudantil”, qual é o ato que inaugura uma aula. Para o autor, mais que a fala autorizada, o gesto que está na origem desse processo é a postura dos envolvidos, em reflexão em que *postura* designa tanto a configuração do corpo quanto uma disposição psíquica. Após uma breve história da importância da noção de postura para a formação da disciplina de estudos literários, o artigo descreve uma experiência específica de aprendizagem ocorrida durante uma greve, em oficinas estudantis realizadas fora da sala de aula.

Em “Ir à noite da linguagem: ensino noturno & literatura”, Mariana Ruggieri reflete sobre a particularidade do ensino de literatura no período noturno, em salas de aula afetadas pelo tempo do trabalho e pela escassez de tempo para a leitura. A partir do relato da experiência de realizar leituras coletivamente, durante a aula, a autora considera o que ocorre quando se pensa o trabalho em sala de aula, lugar em que ocorrem irrupções inesperadas.

Claudete Daflon descreve um experimento no ensino de poesia brasileira contemporânea realizado no curso de Letras da Universidade Federal Fluminense entre 2017 e 2023, no artigo “Antologistas em sala de aula: por uma pedagogia do fazer coletivo”. A experiência envolveu a elaboração pelos estudantes de antologias poéticas, como forma de exemplificar e examinar o valor didático e o caráter normativo atribuídos às coletâneas, em gesto que deslocou a atuação dos discentes do papel de leitores para o de organizadores de antologias.

Fernando Baião Viotti avalia, em “ChatGPT, literatura comparada e teoria literária”, as implicações éticas, cognitivas e filosóficas derivadas do uso de

# CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

ferramentas de LLM's como o ChatGPT. Sua experiência recente em salas de aula de teoria literária é o ponto de partida para a reflexão, que busca elencar o potencial e os limites da nova tecnologia, cujo advento tem consequências complexas e contraditórias, em processo ainda em curso, que apenas começamos a entender.

O artigo “Quem foi disse que preto não tem vez? O evangelho da primeira geração na universidade”, de Fernanda Silva e Sousa, aborda a mudança do corpo discente no ensino superior com o surgimento de ações afirmativas nas universidades brasileiras. Com base no relato de sua experiência como professora num projeto de extensão para bolsistas negros do curso de Direito, no qual os estudantes elaboraram narrativas autobiográficas em diálogo com a canção “Negro drama”, dos Racionais MCs, a autora explora a relação dos relatos com as linguagens do rap e da teologia negra, em tensão com as ideias de redenção e superação.

Lúcia Ricotta Vilela Pinto propõe, em “Laboratório de crítica dos humanismos das literaturas”, uma atividade a ser aplicada a estudantes de uma disciplina sobre reflexão crítica e historiográfica do curso de Letras, partindo de um debate sobre o livro *Afropessimismo*, de Frank Wilderson III. O artigo situa o livro de Wilderson num percurso crítico que inclui Edward Said e a historiografia literária de Erich Auerbach, construindo uma genealogia em que tem centralidade o problema do pensamento humanista e identificando aproximações e divergências entre os três autores.

“O encontro com as literaturas africanas no ensino-aprendizagem da teoria da literatura: experiências em diálogo”, de Anita Martins Rodrigues de Moraes, é o resultado de um conjunto de reflexões em torno do ensino de Teoria da Literatura na universidade pública, com destaque para as Literaturas Africanas. Num experimento inventivo, a autora recolheu testemunhos de ex-alunos e, com base nos depoimentos recebidos, construiu uma reflexão sobre o predomínio de um currículo eurocêntrico na área de Letras, em desacordo com a lei 10.639/03. A autora examina, então, a possibilidade de aulas com estrutura dialógica e a mudança do repertório de leitura nas disciplinas de Teoria Literária, com a incorporação de autores africanos e afrodiáspóricos em suas ementas.

# CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

Greice Drumond, autora de “Literatura grega antiga e temas controversos na prática docente universitária”, discorre sobre a inserção de temas transversais nas ementas das disciplinas de literaturas clássicas – grega e romana –, movimento que permite a ampliação, em sala de aula, do debate sobre tópicos controversos e sensíveis que, quando aprofundados, podem contribuir para a formação de leitores críticos e mais conscientes dos problemas da sociedade brasileira. O artigo inclui uma reflexão sobre o papel dos estudos clássicos na educação contemporânea, com base em experiências em sala de aula com a releitura de mitos que lidam com violência, preconceitos e tabus de diferentes tipos.

Gustavo Sontag, em “Letramento literário e ensino de língua inglesa através do Idiomas sem Fronteiras”, parte de um curso de língua inglesa do programa Idiomas sem Fronteiras para ilustrar a possibilidade de desenvolvimento de material didático e de planejamento de aulas que promovam o letramento literário através do ensino de língua inglesa. O curso capacitou os participantes a lerem gêneros específicos, como o conto e o poema, distinguindo seus movimentos retóricos, organização estrutural e aspectos léxico-gramaticais.

Finalmente, no exercício intitulado “Colóquio entre amigas”, Rosa Salloum recupera uma colagem de cenas e falas que ocorreram antes, durante e após o colóquio “A sala de aula como laboratório: Experiências no ensino de literatura”, realizado na Universidade de São Paulo em 2024, para pensar os limites e potenciais da representação da fala de alunos de graduação em diferentes contextos, incluindo a sala de aula, um colóquio, uma conversa entre amigas e o próprio texto, com o objetivo de esboçar formas alternativas de estudo e produção de saber.

A esperança é que o dossiê, ao recolher casos recentes de experimentação em salas de aula de universidades brasileiras, estimule uma atenção renovada a aspectos materiais, teóricos e políticos presentes no ato de ensinar literatura, incentivando a descrição de cenas análogas e o estudo da especificidade da área.